

**THE CORRESPONDENCE OF WALTER
BENJAMIN, 1910-1940**

Jamie Barteldes

To Carla Seligson

Freiburg
8 de July, 913

My most esteemed Miss Seligson,

Thank you for your letter. It arrived here in Freiburg and did not come as a total surprise. Let me formulate what you have written and I have experienced here as the One Question: How are we to save *ourselves* from the lived experience of our twenties?

You may not know just how right you are – but one day we will really notice that something is being taken from us (not that we had it too long, but they are not going to let us hang on to it anymore). All around us we see those who once suffered the same thing and saved themselves by taking refuge in coldness and superiority. It is not that we fear what we are experiencing, but rather the dreadful result: that after the lived experience we will become numb and assume the same cowardly gesture unto eternity. These days, I often recall Hofmannsthal's lines:

And that my own I, restrained by nothing
Glided over out of a small child to me
Like a dog, eerily mute and alien.¹

Is this not true? That the question for us now is whether these lines are to come completely true, and whether we must choose this kind of existence simply in order to defend ourselves from the others, who are also so "eerily mute and alien."

How can we remain true to ourselves without becoming infinitely arrogant and extravagant? People want us to fit in without complaint, and we are completely ridiculous in the solitude we want to preserve – and we cannot justify that.

**AS CORRESPONDÊNCIAS DE WALTER
BENJAMIN, 1910-1940**

Jamie Barteldes

Para Carla Seligson

Freiburg
8 de Julho, 1913

Minha estimada Senhorita Seligson,

Obrigado por sua carta. Ela chegou a Freiburg e não me pegou totalmente de surpresa. Permita-me elaborar sobre o que você escreveu e sobre o que eu acredito ser aqui a Pergunta Principal: Como podemos nos salvar das experiências vividas aos vinte anos?

Pode ser que você não saiba o quão certa você está – mas um dia perceberemos que algo nos foi tomado (não que tenhamos o tido por muito tempo, mas eles não permitirão que o tenhamos por muito tempo). Ao nosso redor, vimos aqueles que já sofreram o mesmo e se salvaram se refugiando na frieza e na superioridade. Não é que tenhamos medo do que estamos experienciando, mas do resultado terrível de que depois de termos vivido a experiência, nos tornaremos dormentes e repetiremos o mesmo gesto covarde pela eternidade. Nesses dias, eu venho me lembrando muito da citação de Hofmannsthal:

E aquele meu próprio eu, limitado por nada
Deslizou de uma criança pequena até a mim
Como um cachorro, estranhamente mudo e desconhecido.¹

E não é verdade? A questão para nós agora é se essa citação é completamente verdadeira ou se precisamos escolher este tipo de existência simplesmente para nos defendermos dos outros, os quais também são "estranhamente mudos e desconhecidos".

Como podemos nos manter verdadeiros conosco sem nos tornarmos infinitamente arrogantes e extravagantes? As pessoas querem que nos encaixemos sem reclamarmos e somos completamente ridículos na solidão que queremos preservar – e não conseguimos justificá-la.

I felt this when I came here, having let the familiar circle of my Berlin friends; I discovered aloofness, incongruities, nervousness – now I have become acquainted with loneliness for the first time; I turned it into a lesson for myself by spending four days hiking alone through the Swiss Jura – completely alone with my exhausted body.

I am still unable to tell you what kind of tranquility I have achieved with this solitude. But in my first letter to you, when I so fulsomely praised my room with its window looking out onto the church square, it signified nothing but this tranquility.

I have completely divorced myself¹ from someone who was the reason I came here; because at the age of twenty-two he wanted to be a forty-year-old like many of the most spiritual young people around us. It is quite true that now, at the age of twenty, I have not the slightest guarantee that the life I am leading will be a success: I am very busy supporting *Der Anfang* by organizing the divisions and I am separated from my friends. During the first weeks of my stay in Freiburg, these friends received letters that were uneven, confused, sometimes depressed. For two days, I was thoroughly unhappy here in Freiburg.

So in recent weeks I have worked very quietly for the *Anfang*. You will find my article, “Gedanken über Gerhart Hauptmanns *Festspiel*” [Thoughts on Gerhart Hauptmann’s *Festspiel*], in the next issue, and in the September issue an essay, “Erfahrung”.

My father visited me a few days ago, and I was surprised at how very reserved and friendly I was. (Of course my father is opposed to my aspirations.) I assure you that this is so without the least trace of arrogance.

Why is it? Recently I saw a schoolboy on the street. I thought: you’re working for him now – and how alien he is to you; how impersonal your work is. Meanwhile I took another look at him. He was carrying his books in his hands and had an open, childish face with only a slight overlay of schoolboy blues. He reminded me of my own school days: my work on the *Anfang* no longer seemed at all abstract, at all impersonal.

I really believe that, for the second time, we are

Eu senti isso quando vim para cá, após deixar meu círculo de amigos em Berlin. Eu descobri a indiferença, incongruências, nervosismo – agora eu me acostumei à solidão pela primeira vez. Acabou se tornando uma lição para mim mesmo ao passar quatro dias caminhando sozinho pela Jura Suíça, completamente sozinho com meu corpo exausto.

Ainda sou incapaz de te dizer que tipo de tranqüilidade eu alcancei com essa solidão. Mas em minha primeira carta para você, quando eu elogiei tanto meu quarto com sua janela que dá para a praça da igreja, não significou nada além dessa tranqüilidade.

Eu me divorciei por completo da pessoa¹ que foi a razão pela qual vim para cá pois com vinte e dois anos ele queria ter quarenta como muitas das pessoas mais espirituais ao nosso redor. Eu não tenho a menor garantia de que a vida que estou levando vai me levar ao sucesso. Estou muito ocupado ajudando *Der Anfang* na organização das divisões e estou longe dos meus amigos. Durante as primeiras semanas de minha estadia em Freiburg, esses amigos receberam cartas incertas, confusas e, algumas vezes, depressivas. Por dois dias, eu fiquei bem infeliz em Freiburg.

Então, nas últimas semanas, eu trabalhei silenciosamente para o *Anfang*. Você lerá meu artigo “Gedanken über Gerhart Hauptmanns *Festspiel*” (Pensamentos sobre o *Festspiel* de Gerhart Hauptmann) na próxima publicação e da edição de Setembro um artigo, “Erfahrung”.

Meu pai me visitou há alguns dias e eu fiquei surpreso com o quão reservado e amigável eu fui. (Claro que meu pai é contra minhas aspirações.). Eu te garanto que digo isso sem o menor traço de arrogância.

Qual a razão disso? Recentemente eu vi um estudante na rua. Eu pensei: você está trabalhando para ele agora e como ele é estranho para você, quão impessoal o seu trabalho é. Ele carregava os livros em suas mãos e tinha uma feição aberta, infantil, com apenas traços da tristeza característica dos tempos de escola. Ele me fez recordar de mim na época da escola; meu trabalho no *Anfang* deixou de ser abstrato ou impessoal.

Eu realmente acredito que, pela segunda vez,

beginning to feel at home in our childhood, which the present wants to teach us to forget. We need only to live in rational solitude, somewhat less concerned about this difficult present and about ourselves. We will steadfastly rely on young people who will find or create the forms for the time between childhood and adulthood. We are still living in this period without these forms, without mutual support – in short: alone. I do believe, however, that one day we will be allowed to move very freely and confidently among the others, because we know that the multitude of others are no more “eerily mute and alien” than we ourselves. How do we know that?

Because we wanted to mobilize the openness and sincerity of children who later will also be twenty years old.

Think of the secretive and noble gestures of the people in early Renaissance paintings.

I hope you won't be annoyed if these words, which could be uttered only from my point of view, failed to touch on anything of importance to you, if I made the mistake of keeping my remarks too general³. But you will surely agree with me that everything depends on our not allowing any of our warmth for people to be taken from us. Even if, for a while, we must preserve this warmth in a less expressive and more abstract way, it will endure and surely find its form.

My most sincere regards.

Yours, Walter Benjamin

- 1- Terzinen 1 (über Vergänglichkeit)
- 2- Philipp Keller
- 3- Seligson had undergone a difficult experience about which she wrote in a letter dated July 2.

estamos começando a nos sentir em casa em nossa infância que o presente quer nos ensinar a esquecer. Precisamos apenas viver na solidão racional, menos preocupados de alguma maneira com esse presente difícil e com nós mesmos. Vamos firmemente confiar nos jovens os quais vão encontrar ou criar formas para o tempo entre a infância e a vida adulta. Nós ainda estamos vivendo nesse período sem essas formas, sem apoio mútuo. Resumindo, sozinhos. Eu acredito, no entanto, que um dia nos será permitido viver livres e confiantes entre os outros pois sabemos que a variedade dos outros não é mais “estranhamente muda e desconhecida” mas nós mesmos. Como sabemos disso?

Por querermos mobilizar a abertura e a sinceridade das crianças que mais adiante também terão vinte anos.

Pense nos gestos nobres e secretos das pessoas nas pinturas do início do Renascimento.

Eu espero que eu não esteja te incomodando com essas palavras, as quais podem ser consideradas apenas como meu ponto de vista, e que falham em tocar em qualquer coisa de importante para você, se eu tiver cometido o erro de deixar meus apontamentos muito gerais³. Mas, você com certeza concordará comigo que tudo depende da nossa não permissão de que qualquer parte do nosso calor pelas pessoas nos seja tomado. Mesmo se, por um tempo, precisemos preservar esse calor de maneira menos expressiva e mais abstrata, ela permanecerá e com certeza achará sua forma. Minhas sinceras lembranças.

Walter Benjamin

- 1 – Terzinen 1 (“Über Vergänglichkeit”).
- 2 – Philip Keller
3. Seligson passou por uma experiência difícil sobre a qual ela escreveu em carta de 2 de Julho.

BENJAMIN, Walter. **THE CORRESPONDENCE OF WALTER BENJAMIN – 1010-1940**. Edited by Gershom Scholem & Theodor W. Adorno. Translated by Manfred R. Jacobson & Evelyn M. Jacobson, The University of Chicago Press, 1912.